ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO IRMÃO & C.ª

Assignatura, em Lisboa 2:000 rs. — para as provincias pelo correio, 2:200 rs. — Brasil, moeda fraca, 6:000 rs. — numero avulso 50 rs.
Escriptorio, rua da Boa-Vista — Palacio do conde de Sampaio

7.º ANNO — 1864






Palacio de cristal na cidade do Porto

## PROLOGO

Para nos não afastarmos do estilo geralmente observado, de fazer introducção a cada volume que vão contando as publicações periodicas, algumas palavras escreveremos para a primeira pagina d'este setimo anno do *Archivo Pittoresco*.

Bem comparado, este uso dos prologos é como quem se benze antes de começar alguma tarefa, para que Deus a abençôe, e permitta que seja bem succedida até se concluir.

E tanto assim, que nossos avós punham uma cruzinha no alto da pagina de qualquer escripto que faziam, como asseveração de que se tinham persignado.

Como christão e portuguez, seguiremos esta prática, tanto mais que boa obra é a que hoje proseguimos, concorrendo com tão peritos escriptores para diffundir a instrucção popular, pelas letras e pelas artes, trazendo á luz universal da estampa os feitos gloriosos dos nossos passados, e os monumentos da sua civilisação, christandade e patriotismo.

O *Archivo* reconhece que a regeneração nacional depende das doutrinas que engrandecem o presente, e nos hão de levar a melhor futuro; mas não desacompanhada das memorias do passado, quando elle é como o nosso, opulento de grandes e gloriosos feitos, qual a qual mais incitativo do nobre sentimento de nacionalidade, de progresso e de boa fama.

É por isso que tudo quanto havemos encontrado de memoravel no velho Portugal, tem sido e irá sendo archivado n'este semanario. A typographia e a gravura levarão aos estranhos noticias e desenhos que até hoje occultava a incuria ou a ignorancia, bocejando á vista de tantos despertadores, de tantos estimulos para cobrarmos o animo, a energia, a audacia dos que descobriram a India, e rodearam o globo pela primeira vez em fragilissimos baixeis!

Para honra da actual geração, em bom e alto som

o declarâmos: a crescente acceitação que este semanario tem grangeado no reino, e acaso ainda mais no Brasil, é devida a este espirito de nacionalidade que o influe.

Por justa retribuição hemos de mantel-o, na pureza da linguagem, na reproducção dos monumentos da nossa grandeza historica, no acatamento á religião de nossos paes, no respeito á moral, e no acolhimento feito a todos os talentos, a todos os obreiros do progresso.

E pois que fallámos do Brasil, seja-nos permittido dizer, sem offensa dos assignantes, já tão numerosos, em Portugal, que é tal a bizarria com que a SOCIEDADE MADRÉPORA, estabelecida no Rio de Janeiro, protege este semanario, que aos milhares vão por conta d'ella os volumes para todas as provincias d'aquelle imperio, afóra os centenares que manda distribuir pelas escholas populares do reino, cuja lista publicâmos successivamente nas capas dos cadernos mensaes, bem como os nomes dos alumnos premiados por aquella meritissima sociedade.

Este donativo, e outros que fôra largo enumerar, fazem esses nossos compatriotas anonymamente, como é preceito dos seus notaveis estatutos.

O exemplo é para seguir. Oxalá que tenha imitadores, e lhe não falte a recompensa official que taes serviços estão pedindo.

A. DA SILVA TULLIO.

---

## PALACIO DE CRISTAL NO PORTO

O Porto é a primeira terra industriosa do reino, primeira pelos seus habitos industriaes, e pelo genio activo e emprehendedor dos seus habitantes. A sua historia resume-se toda nas lides da industria, e no constante porfiar nas duas grandes aspirações generosas que nascem do trabalho, e que n'elle se robustecem e glorificam — o amor da independencia e da liberdade.

Em tempos em que a monarchia, apenas nascente, se occupava toda n'aquella lucta sem tregoas, a que poz termo só quando viu expulsos os moiros para além do estreito de Gibraltar, e alargadas as suas fronteiras até ás praias do Algarve; n'esses tempos, dizemos, em que todas as attenções e todo o esforço se absorviam exclusivamente na guerra, que era, por assim dizer, a consubstancialidade da politica do estado e da industria do paiz, já o Porto dedicava a maior parte dos seus filhos a algumas industrias.

Quando Portugal, não tendo já dentro em si moiros para combater, se arremeçou sobre a Africa, para alli plantar a cruz de Jesus Christo, e lançar os fundamentos ao seu commercio maritimo, o Porto apressou-se a esquipar armadas, e a enviar soldados para essa empreza audaciosa. [1]

Crescendo e florescendo pelos seus habitos laboriosos, não consentiu, até ao principio do seculo XVI, que morassem fidalgos de seus muros a dentro, nem mesmo que alli viessem de visita com demora de mais de tres dias, excepto aquelles que quizessem exercer a vida commercial, pois que a estes não duvidava receber como cidadãos seus. [2]

Zelosos das suas franquias e liberdade, os portuenses não queriam entre si quem não vivesse do trabalho, não só pela affeição que lhe tinham, como fonte de todo o bem para a alma e para o corpo, mas

[1] Concorreram patrioticamente os habitantes do Porto com muitos navios, tropa e munições para a conquista de Ceuta, em 1415. Esta armada partiu do Porto para Lisboa capitaneada pelo illustre infante D. Henrique.

[2] A pedido dos habitantes do Porto, concedeu-lhes el-rei D. Diniz, entre outros, aquelle privilegio, que durou até ao tempo del-rei D. Manuel, que o aboliu. Desde então é que se estabeleceram na cidade familias nobres.

egualmente para que não viesse o privilegio sentar-se á sua mesa como hospede, e dictar-lhe depois a lei como senhor.

Foram estes nobres sentimentos que os moveram a fazer todo o genero de sacrificios pela defesa da patria, quando viam ameaçada a sua independencia. E tambem tiveram a mesma origem aquellas indomitas resistencias contra a auctoridade, que rebentaram em graves tumultos populares, no reinado de D. Affonso IV, no governo intruso de Filippe IV de Hespanha, nos reinados de D. Affonso VI e de D. José I. [1]

Foram aquelles nobres sentimentos que excitaram os portuenses a levantarem o primeiro brado que resoou no paiz contra a dominação dos francezes, em 1808, do qual veiu a resultar o restabelecimento da independencia nacional e da monarchia de D. Affonso Henriques.

Foram, em fim, esses mesmos sentimentos generosos que produziram a gloriosa revolução de 24 de agosto de 1820, e a heroica defesa do Porto em 1832 e 33, aquella que hasteou pela primeira vez, em o nosso solo, o estandarte da liberdade; e esta que o firmou e robusteceu.

Terra classica do trabalho e da liberdade, devia tambem ser o Porto que tivesse a idéa inicial de fundar o primeiro templo consagrado á industria portugueza. Pertencia-lhe de direito mais essa gloria, assim como não podia ser outro o logar de honra para uma tal fundação, senão a cidade que tem erigido tantos e nobilissimos padrões no caminho dos progressos de Portugal.

Organisou-se a companhia para a formação do palacio de cristal portuense no anno de 1860. Para este resultado concorreu poderosamente el-rei o sr. D. Pedro V, de saudosissima memoria, por occasião de uma visita que fez ao Porto.

Este bom e sabio rei, que cria no progresso com fé viva, e que se regozijava do intimo do coração com tudo quanto tendia ao desenvolvimento moral e physico d'este paiz, applaudiu a idéa de uma tal fundação, como fecunda em resultados uteis, não só para a cidade do Porto, mas tambem para todo o reino. E não se limitou, como nunca se limitava em casos similhantes, a applaudir simplesmente. Abraçando a idéa, e afagando-a n'alma como sua propria, fez-se apostolo d'ella.

Inscreveu-se logo como primeiro subscriptor, e desde esse dia, aproveitando as occasiões opportunas, não cessou de animar a uns e de incitar a outros, mostrando a todos o seu empenho em ver ir por diante obra tão grandiosa e promettedora.

E com effeito, quem avaliar as difficuldades da empreza, pelo avultado capital que demanda, e conhecer ao mesmo tempo quão facilmente costumâmos esmorecer ante os obstaculos que se oppõem aos nossos projectos, convencer-se-ha de que, apesar dos desejos e esforços de alguns cidadãos, se deve á illustração e patriotismo do sr. D. Pedro V não vermos morrer á nascença aquelle pensamento civilisador, como tantos outros que temos visto acabar ingloriamente, sem arcarem, sequer, com as difficuldades.

[1] O primeiro d'aquelles tumultos originou-se nas dissenções suscitadas entre o senado da camara e o bispo D. Vasco, por causa de certos tributos que este queria receber da cidade. De tal modo se amotinou o povo contra o bispo, que o fez fugir, e, apesar do interdicto que fulminou contra a cidade, esteve nove annos fóra d'ella, ao cabo dos quaes, tendo vagado a sé de Lisboa, foi transferido para esta egreja.

O segundo tumulto teve por causa o tributo chamado *das maçarocas*, que Filippe IV quiz lançar sôbre as mulheres que fiavam o linho.

Deu motivo ao terceiro o tributo do papel sellado. Foi tal a revolta, que o povo, entre outros excessos que commetteu, soltou os presos; e, para se restabelecer a ordem, foi preciso ser occupada a cidade por 4:000 homens de infanteria e 500 de cavallaria, commandados pelo conde do Prado.

O quarto, finalmente, foi contra o estabelecimento da companhia geral dos vinhos do Alto Douro, e do qual resultou serem punidas com pena de morte, ou de açoites, de galés, ou de confiscação de bens e degredo, duzentas e oitenta pessoas de ambos os sexos!

O mallogrado monarcha, que parece ter vindo ao mundo só para provar as amarguras da vida e legar ao seu povo sublimes exemplos de todas as virtudes christãs, dos deveres de bom cidadão, e do perfeito rei constitucional, não chegou a ver sair dos alicerces o suspirado edificio. A sorte adversa, que o perseguiu quasi sempre, apenas lhe consentiu, por gozo unico n'esta empreza que tanto teve a peito, lançar a pedra fundamental ao palacio da industria portugueza.

Perguntar-se-ha, e com razão, como é que não parou a obra nos alicerces, faltando-lhe aquella vontade e braço, que mais podiam, cortando por tudo, fazel-a crescer e acabar; como é que não naufragou o baixel, morrendo-lhe o piloto ao sair do porto. Dera vida á empreza o patriotismo de alguns portuenses benemeritos; veiu salval-a n'este grande perigo o patriotismo de nossos irmãos d'além mar.

Aquellas bolsas que no Brasil estão sempre abertas para acudirem ás nossas desditas, e para darem impulso a tudo quanto possa illustrar e engrandecer Portugal, franquearam generosamente o seu oiro a fim de que progredisse e fosse a cabo o monumento que ha de commemorar os largos passos que este paiz está dando no caminho do progresso, d'envolta com o curto mas glorioso reinado de um dos mais celebrados monarchas do seculo XIX, e um dos mais fervorosos apostolos da civilisação.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## VICTOR HUGO

### I

O retrato que vamos contemplar, manifesta já que este jornal vae pagar o devido preito ao *rei dos poetas*, como o denominou outro grande poeta, nosso amigo e mestre, o sr. Antonio Feliciano de Castilho. É humilde a vassallagem, mas é sincera. Está n'isto a egualdade de um sentimento de affecto e consideração, que tão vehemente e intimo póde ser no animo dos grandes como no dos pequenos. Influe em nós tambem a gratidão para com o illustre expatriado de Hauteville-house; e esta idéa, dulcissima ao que a exprime com simplicidade, desculpa de certo a ousadia.

Não será grande o quadro, nem o permitte o limitado espaço do *Archivo*, nem as nossas forças. O quadro foi já traçado por mão de mestre [1]; tem côres vivas, boa luz, figuras sympathicas e significativos accessorios. Cumpre-nos tão sómente seguir os passos de alguns biographos [2], fazer referencia ao grande vulto, e não deixar de mencionar certos factos que honram este reino e ennobrecem a nossa epocha.

Quando se souber que o *rei dos poetas* tratou de um assumpto, ou se dirigiu a um individuo, por mais modesta que seja a sua condição, deve-se para logo suppor que elle honrou o assumpto e o individuo. Pensâmos assim a respeito d'aquelles soberanos da intelligencia, que, como Victor Hugo, estão mais afastados da terra que do ceo, d'onde lhes vem a inspiração.

Tem a litteratura, como os seus cultores, caminhado ao lado da transformação das instituições sociaes; ella e elles tem até promovido e auxiliado essa transformação. Em cada nova edade, sem duvida, desde os gregos até aos nossos dias, hão sido differentes os seus intuitos; porém a sua influencia deve considerar-se em todas as epochas, por assim dizer, mais benefica que prejudicial á humanidade.

[1] *Victor Hugo, raconté par un témoin de sa vie.*
[2] Vapereau, Mirécourt, Léon Beauvallet, Charles Vallette, Lecanu, Dumas, etc.

Nos tempos modernos, todavia, não se encontrará outro escriptor que, sem avaliar bem o poder do seu genio, tenha realisado maior e mais espantosa revolução na litteratura, melhores e mais duradoiros beneficios para os povos, do que o auctor do *Han de Islandia*, da *Nossa Senhora de Paris*, e dos *Miseraveis*.

Não se póde tratar aqui da litteratura, tanto com relação á sua influencia como á sua importancia, apesar da materia ser vasta e do logar parecer apropriado. Mas a breve noticia biographica que vamos esboçar, dirá aos que ainda não souberem, o que é o que vale o cantor da *Lenda dos Seculos*, dos *Raios e Sombras*, etc.

### II

Victor Maria Hugo, o grande poeta philosopho, nasceu ás dez horas e meia da noite de 26 de fevereiro 1802 [1], em Besançon, antiga cidade hespanhola.

Seu pae, José Leopoldo Sigisberto, descendente de uma distincta familia de Lorraine, ennobrecida desde o XVI seculo nos campos de batalha, era um dos mais ousados voluntarios da republica franceza, e foi depois um dos mais intrepidos generaes de Napoleão.

Sua mãe, Sophia Trébuchet, vendeana e realista, era senhora de grande espirito e animo varonil; ficando sem mãe muito nova, fôra obrigada a ser mulher mais cedo que as outras.

Como os heroismos se comprehendem, o heroe republicano encontrou em Nantes a intelligente e bondosa vendeana, comprehendeu a nobreza da sua alma, e desposou-se com ella. D'este consorcio nasceu Victor Hugo, quasi moribundo, e salvo pela solicitude e amor de sua mãe, de quem foi «duas vezes filho».

Ainda no berço, por assim dizer, acompanhou seu pae, já coronel, á ilha de Elba, possessão franceza onde residiu tres annos; em seguida foi para Genova, e d'alli para Paris, em cuja capital esteve dois annos. Em 1806 e 1807 partiu novamente para a Italia. N'esta bella peninsula, o coronel Hugo, então governador da provincia de Avelino, conseguiu destruir o terrivel bando de Fra-Diavolo, que, tão celebre salteador de estrada quão pertinaz defensor do solo natal, envolvia o direito com o assassinio. Fra-Diavolo, como se sabe, inspirou poetas e romancistas, e serviu notavelmente para uma opera de Scribe e para um romance de Carlos Nodier.

Victor Hugo costumou-se a fitar o sol e a gloria. Foi assim que a pequena aguia «*percorreu a Europa antes da vida*». Como a criancinha da *Lenda dos Seculos*, brincou em menino com a espada de um heroe. Encontrâmos estes pormenores da puericia nos seus versos. Diz-nos elle:

«Que posso receiar, eu que

«Eus pour premier hachet le nœud d'or d'une épée,
«E qui fus soldat quand j'étais un enfant».

Tendo viajado por Florença, Roma e Napoles, Victor Hugo regressou a Paris em 1809. Em 1811 saiu novamente d'aquella capital, com sua mãe e seus irmãos, para se reunir a seu pae, general no reino de Hespanha. Como na Italia, o general Hugo, encarregado do governo de Guadalajara, preparava-se para destruir outro famoso guerrilheiro, o *Empecinado* [2], que tambem defendia com singular vigor e pertinacia o solo da patria contra a invasão dos francezes. Parecia, por extraordinario acaso, que o general Hugo devia ser, na Italia e em Hespanha, o adversario «dos dois mais encarniçados defensores de sua nacionalidade». [3]

[1] *Victor Hugo raconté*, etc., tom. I, pag. 28.
[2] João Martins Dias, nomeado general pela Junta Central, prestou relevantes serviços durante a guerra da independencia, 1808-1814, em Castella e Aragão. Tomando parte na revolução de 1820, tres annos depois foi enforcado em Rueda.
[3] *Victor Hugo raconté*, etc., tom. I, pag. 117.

Estava a peninsula iberica em grandissima agitação. O estrangeiro não queria viajar sem companhia, com receio dos guerrilhas, que, em muitos pontos, se compunham de todos os homens válidos; de modo que se discorria n'aquella epocha a peninsula, como ainda hoje se percorre uma parte importante da Africa, isto é, em caravanas. A viagem da esposa do general Hugo foi tão cheia de episodios e sustos, que impressionaram vivamente o animo de Victor.

Chegando a Madrid, o moço poeta, entrou no collegio dos Nobres. Este collegio era dirigido por frades. Os religiosos ficaram summamente admirados quando, logo que entraram os filhos do general francez, amigo del-rei José, viram com os proprios olhos que os novos alumnos, apesar dos seus tenros annos, traduziam o latim de Quinto Curcio sem auxilio de diccionario [1]. Ia-se revelando a criança qual se mostrára já desde os seis annos. «*Quand on voulut apprendre à lire à Victor, il se trouva qu'il le savait. Il avait appris tout seul, rien qu'à regarder les lettres*». [2]

Permaneceu no collegio dos Nobres apenas um anno. Os francezes iam perdendo prestigio e terreno, e o general Hugo, adivinhando o que pouco depois succedeu na peninsula ao exercito de Napoleão, quiz livrar sua esposa dos perigos de uma retirada precipitada, — entre as balas de soldados encarniçados e aguerridos e a vindicta de um povo, que em fim se emancipava do jugo estrangeiro, — determinando que saísse immediatamente de Hespanha. Succedeu isto em 1812.

Regressando a Paris, Victor Hugo estabeleceu-se de novo na casa das *Feuillantines*, tão celebrada em seus versos, e continuou os estudos. Passado um anno, mudou-se das *Feuillantines* para uma casa fronteira ao edificio do conselho de guerra, na rua do Cherche-Midi. Estreitando as relações com o sr. Foucher e o general Lucotte, que possuia as melhores cartas geographicas, o moço Victor aprendeu geographia, como se aprende melhor, com os olhos fitos nas cartas que lhe emprestára Lucotte.

Sendo exonerado pelo governo da Restauração, e passando á inactividade, como succedeu a todos que ainda defenderam em Thionville o poder de Napoleão I, o general Hugo pensou seriamente na educação dos seus dois filhos mais novos, Eugenio e Victor.

Iremos agora encontral-os no collegio de Cordier, velho abbade, de antipathico aspecto, que se associára com um tal Decotte, *mais brutal que elle*.

(Continua) P. W. DE BRITO ARANHA.

## CONQUISTA DE CEUTA

### EXCERPTO INÉDITO

#### D. FILIPPA DE LENCASTRE

> Meus dias tão tristes por esta partida,
> Serão sempre com pena mais forte,
> Que acabára melhor minha vida.
>
> *Diogo Brandão. — Cancioneiro de Resende.*

O segredo do grande feito que el-rei e seus filhos apressavam por todos os modos, apesar de confiado a tantas bocas, não se rompêra ainda.

Os ultimos mezes do anno de 1414 correram sem a noticia transpirar. Ás neves e frios do inverno succederam os primeiros sorrisos da primavera, e no meio do ruido dos aprestos que D. João mandava fazer, ninguem atinava ao certo com o inimigo occulto, ao qual o mestre de Aviz ia arremeçar a luva.

A cidade do Porto, para onde partíra o infante D. Henrique por ordem de seu pae a reger as coisas do mar, e a cidade de Lisboa, em que o infante D. Pedro desempenhava egual officio com egual ardor, pareciam inteiramente outras. Nas terras principaes e nos castellos do reino não era menor o alvoroço. Os ricos-homens do tempo das cavallarias do mestre de Aviz contra Castella, e os fidalgos moços, inflammados no honroso desejo de assignalarem o seu nome, competiam e rivalisavam em brios uns com os outros. Ás cartas que o soberano lhes enviára, convidando-os a acompanhar os infantes em uma jornada, sem lhes declarar qual, respondiam a impaciencia do valor ocioso nos velhos, e a impetuosidade dos annos juvenis nos mancebos.

Por toda a parte não se via senão armeiros polindo bacinetes, arnezes e braçaes, ou afiando e açacalando estoques, achas, maças e montantes, e alfaiates sorteando, talhando e cosendo os pannos das librés dos homens de armas e peões da bandeira de cada senhor. Nas ribeiras do Douro e do Tejo era formoso espectaculo contemplar por todas ellas as naus e caravellas rodeadas de enxames de calafates, pintores e doiradores, que subiam e desciam, dia e noite, entretendo os serões com repiques e cantigas, e desafiando-se alegremente para as folias do repouso. Nas praias a enchó e o malho dos tanoeiros acabavam de compor as barricas e toneis, e os mesteiraes acudiam logo atraz a rolarem as vasilhas cheias para as pranchas dos bateis que haviam de transportal-as.

Em todos os bairros a lida era similhante. Os carpinteiros ajustavam as peças de madeira em que deviam assestar os trens e machinas de bater. Os cordoeiros entrançavam e alcatroavam guindarezes, estrinques, e cabos para os navios. Os alfagemes pintavam as hastes das lanças e os cabos das ascumas, e assentavam o fio aos ferros bem temperados das ferrarias de Toledo. As cantigas, o alarido, e o estrepito de tantos artifices enchiam as ruas e praças de vozes e estrondo. O povo, sempre discursador, corria a todos os logares, e, segundo o seu costume, recreando os olhos, dava largas ás conjecturas e vaticinios.

Estes disputavam com ardor, que a frota ia sobre o reino de Napoles, porque a rainha viuva mandára recado, que desejava um dos infantes para esposo. Aquelles mais subtis altercavam que el-rei, durante as guerras de Castella, fizera voto de visitar o santo sepulchro de Jerusalem, e que não lhe consentindo os do conselho ausentar-se, resolvêra que partissem os infantes em seu logar, a fim de cumprirem a promessa. Uns queriam que todo o poder de Portugal ameaçasse o duque de Hollanda, ao qual a embaixada de Fernão Fogaça avisára em particular da parte del-rei que se não temesse; outros, rindo-se da rusticidade geral, diziam ao ouvido dos curiosos, que o fim escondido da empreza era expulsar de Avinhão o antipapa Clemente VII. Finalmente, os pareceres, varios e numerosos como as cabeças, perdiam-se em mil devaneios, e afastavam-se cada vez mais da verdade.

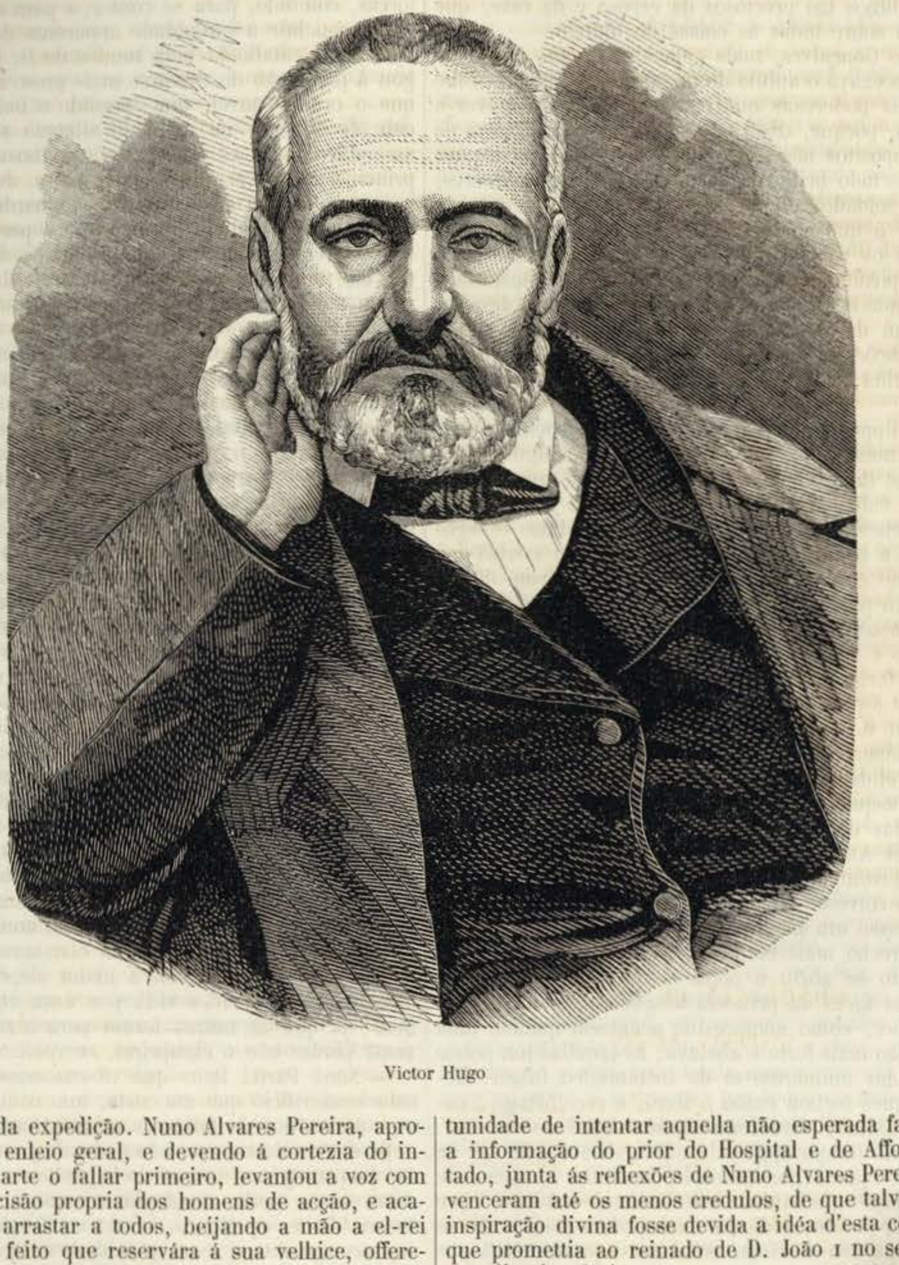
Entretanto o monarcha, lembrado da actividade dos seus dias de juventude, não se deixava adormecer. O seu intento, disfarçado com artificio, não fôra penetrado de nenhum soberano visinho, e até alguns conselheiros intimos ainda ignoravam o alvo a que apontava a seta que viam já embebida no arco.

O rei de Castella, o rei de Aragão, e o rei de Granada, sobresaltados, e receosos de que sobre seus estados estalasse por fim a tempestade, tinham procurado sondar as intenções de D. João I, mas inutilmente. Os labios do mestre de Aviz, cerrados a sete séllos, não soltavam o segredo, de que dependia o exito da arriscada temeridade que ia commetter. As suas réplicas aos embaixadores dos principes catholicos, cheias de urbanidade, socegando as maiores inquietações, confirmaram a paz e amizade que os

[1] *Victor Hugo raconté*, etc., tom. I, pag. 195.
[2] Idem pag. 57.

uniam a Portugal; porém, a nenhum d'elles julgou prudente desvanecer de todo as desconfianças, revelando-lhe o motivo verdadeiro. Com os mensageiros do principe musulmano mostrou-se mais recatado ainda. Sem lhes avivar ou destruir inteiramente as suspeitas, limitou-se a phrases ambiguas e quasi altivas, que ainda lhes dobraram mais o susto; e a rainha D. Filippa, confidente discreta de seus designios, quando os emissarios de Granada lhe supplicaram a sua intercessão, escusando-se com palavras brandas, mas firmes, redarguiu-lhes não ser costume das mulheres christãs indagarem, ou metterem a mão nas decisões politicas dos monarchas.

Quando os armamentos já estavam tão adiantados, que pouco restava para ficarem concluidos, o mestre de Aviz, convocando em Torres Vedras o seu conselho, e ajustado primeiro com o condestavel o modo mais facil de influir na deliberação, patenteou-lhe o pensamento da grande empreza. Nenhum dos fidalgos que o escutavam, e que ligára por juramento ao seu segredo, tinha por acaso lançado os olhos sobre Ceuta, e nenhum, por isso, vinha preparado para expor



Victor Hugo

os perigos da expedição. Nuno Alvares Pereira, aproveitando o enleio geral, e devendo á cortezia do infante D. Duarte o fallar primeiro, levantou a voz com a rude concisão propria dos homens de acção, e acabou de os arrastar a todos, beijando a mão a el-rei pelo nobre feito que reservára á sua velhice, offerecendo-lhe a occasião appetecida de pelejar a sua ultima batalha contra os infieis.

Quem ousaria contrariar a opinião do condestavel, reputado a primeira espada das Hespanhas, e celebrado em toda a parte pela fama de tantas proezas? Os mais audazes applaudiram. Os tibios e incertos inclinaram a cabeça e annuiram. Não havia que hesitar. Nos olhos del-rei e dos infantes liam os cortezãos todos os signaes de uma resolução inabalavel. O que se discutiu sómente, portanto, foi o modo e a opportunidade de intentar aquella não esperada façanha, e a informação do prior do Hospital e de Affonso Furtado, junta ás reflexões de Nuno Alvares Pereira, convenceram até os menos credulos, de que talvez a uma inspiração divina fosse devida a idéa d'esta conquista, que promettia ao reinado de D. João I no seu occaso um dia de gloria, não menos esperançoso do que o dia esplendido que illuminára em Aljubarrota a coroa cingida poucos mezes antes nas cortes de Coimbra pelas mãos dos cavalleiros e populares, que tão briosamente a defenderam.

Faltava, porém, o mais difficil. El-rei ainda não havia communicado a D. Filippa de Lencastre a sua intenção de acompanhar os filhos n'aquelle feito; e com motivo receava que ella se oppozesse, e que do desgosto de o ver apartado de seus braços em

tão arriscado commettimento se lhe originasse alguma enfermidade. Instava, todavia, o tempo. Carecia, sem demora, de cortar o nó. O mestre de Aviz, percorrendo de um extremo ao outro a vasta quadra da sala de armas, entre o prior do Hospital e o condestavel, pedia-lhes conselho sobre o melhor modo de persuadir a rainha, cuja delicada compleição e frequentes achaques assustavam a sua extremosa ternura. Depois de uma união de vinte e oito annos, tão ditosa e abençoada, D. João I por si proprio conhecia as fundas raizes que o affecto arraigára na alma de ambos, e temia que a dor do golpe subito não cortasse de mágoa o fio tenue dos dias para elle e seus filhos tão preciosos da esposa e da mãe, que amavam sobre todas as coisas do mundo.

Alvaro Gonçalves, mais palaciano do que o condestavel, socegava o animo do monarcha, e insinuava-lhe as razões poderosas que podia allegar para mover a princeza, porque, dizia elle, a sabedoria e firmeza de seus propositos não sobresaíam menos, do que o puro e desaffectado brilho de suas virtudes. Nuno Alvares, melhor soldado, do que bom cortezão, e incapaz de occultar o que sentia, repellindo com o gesto e as palavras os rodeios do prior, seguro da prudencia e altos espiritos da rainha, sustentava que bastaria a sinceridade do mestre para a render aos seus desejos.

No fim de longa prática, D. João I, pondo termo ás hesitações, decidiu-se a entrar nos aposentos de sua mulher, a fim de lhe revelar a verdade singelamente.

D. Filippa contava a esse tempo cincoenta e seis annos; mas, a despeito da edade e da languida pallidez que lhe desbotava o rosto, os olhos azues e meigos, os cabellos louros cendrados, que já principiavam a encanecer em partes, as feições finas e regulares, e a boca graciosa, sempre afeita ao sorriso que mettia no coração a quantos se aproximavam d'ella, deixavam perceber ainda na suave expressão da physionomia aos que não a tinham conhecido moça, todo o enlêvo e seducção, precioso condão da casta e magestosa formosura, que lhe captivára o amor e respeito do esposo, e a veneração dos subditos. A filha do duque de Lencastre, sentada no seu estrado, com Brites Gonçalves de Moura, sua camareira-mór, ao lado, entretidas ambas em lavores de agulha, ouvia de Mecia Vasques, filha da camareira, por um livro de cavallarias de Vasco de Lobeira, as aventuras milagrosas de Amadiz de Gaula; e de curto em curto espaço interrompia a donzella, ou para lhe recommendar que não corresse tão depressa com a leitura, ou para que parasse um instante e escutasse a explicação de algum trecho mais escuro.

Quando se abriu a porta e um pagem annunciou el-rei, as faces da princeza afoguearam-se de repentino rubor, como sempre lhe acontecia quando uma commoção mais forte a abalava; as pupillas um pouco desmaiadas animaram-se de instantaneo fulgor. Mecia Vasques fechou então o livro, e recolheu-se á camara proxima, obedecendo a um signal de sua mãe. Ao mesmo tempo apparecia aos umbraes o mestre de Aviz, forcejando por encobrir, sorrindo, a anciedade da revelação que vinha fazer. Por mais habituado que estivesse, porém, a dissimular, a vista penetrante de D. Filippa leu-lhe logo no rosto a preoccupação, e erguendo-se agitada perguntou-lhe já trémula:

— Tivestes más novas dos infantes?

— Não, louvado Deus! Estão bons, e para a semana os tereis aqui a beijar-vos a mão.

— Mas que paixão vos traz assim mudado?

— Nenhuma, senhora. O meu cuidado é só por vós. Receio-me de tantos jejuns e penitencias; os physicos já vos deram seu parecer... Filippa, accrescentou olhando-a com entranhado affecto, já não somos moços, e a edade não perdoa...

— Deixai dizer os physicos, senhor, que mais sei eu de mim, que elles das coisas de Deus. Mas vós tendes sobre o coração um segredo que vos peza! Quereis que mande sair Brites de Moura?

— Não. Que fique.

A rainha tornou a sentar-se, e D. João tomando logar junto d'ella em um escanho baixo começou por um longo e enredado exordio a confissão que trazia decorada. A princeza escutava-o sem pestanejar, mas a mão tremia-lhe sobre os lavores, e o seio arfava com violencia. Adivinhára logo ás primeiras phrases o designio de seu esposo, e luctava com o sentimento que lhe alvoroçava o peito e humedecia os olhos. Teve forças, comtudo, para se conter, e para conservar até el-rei concluir a serenidade apparente do semblante.

D. João, atalhado pela mudez de D. Filippa, chegou á peroração do discurso mais preso e confuso, do que o orador novel, que, perdido e balbuciante, vê cair de repente no meio do silencio sepulchral da assembléa todas as esperanças orgulhosas. Quando o principe acabou seguiu-se uma pausa, durante a qual o monarcha sem erguer os olhos aguardou a resposta de sua mulher, cheio de incerteza e perturbação.

— O requerimento de nossos filhos, disse ella por fim em tom lento, era justo e natural. Mancebos, não viram até agora as armas, senão em torneios e estacadas, e eu não devia senão louvar e ajudar o seu desejo de ganharem honra e fama como cavalleiros, no primeiro dia em que o fossem... Mas vós!... Arriscar ao perigo de uma hora o que em tantos annos alcançastes! Entregar a um acaso o que a fortuna vos concedeu, e o que a sua inconstancia póde negar-vos cançada de vos seguir! Em edade grave deixardes o governo do reino e as coisas do espirito, e correrdes atraz de aventuras temerarias! Se por desgraça elles se perdessem, tinha-vos Portugal a vós para os vingar; mas perdido el-rei e os infantes, de quem ha de valer-se? Não fallo de mim. Sou mulher. O meu logar é no oratorio e na egreja ao pé dos altares...

D. João magoou-se de a ver reprimir as lagrimas que lhe queriam rebentar dos olhos. Pondo um joelho em terra e beijando-lhe a mão replicou:

— Sois uma santa, Filippa!... Permitta Deus que nunca me accuse um remorso de vos causar, senhora, o menor desgosto. Ficarei se quereis, mas primeiro ouvi! Não vou a Ceuta como os cavalleiros moços estrear as armas e ganhar nome. Sou já velho para emprezas taes. Mas tenho as mãos tintas de sangue christão, e o meu espirito não póde ter socego, em quanto as não lavar em sangue de infieis, resgatando a preço da vida alguma casa, aonde a falsa lei de Mohomet se adore, para a consagrar ao culto e devoção de Jesus Christo. A maior alegria da minha alma seria encerrar a vida por uma victoria só de Deus, já que as outras foram para o rei... Fiz este voto; porém não o cumprirei, se vós...

— Não! Parti! Deus que vê em nossos corações, sabe o sacrificio que me custa; mas contra o seu serviço nunca hão de fallar as minhas lagrimas...

E vencida do esforço, não podendo já suster o pranto, lançou-se nos braços do esposo, e com a cabeça sobre o seu peito, desafogou a amargura que a suffocava. Brites de Moura, vendo a afflicção da princeza, acompanhou-a com gemidos, e Mecia Vasques, acudindo, e tornada uma verdadeira estatua do assombro, depressa as imitou, depois de uma palavra de sua mãe lhe declarar o motivo da tristeza que as opprimia.

— Vamos! dizia o mestre de Aviz, procurando consolar a rainha, e quasi tão commovido como ella. Quem nos visse, julgaria, que nos despedimos para sempre, ou que lances, como este, são novos e estranhos para nós!... Ceuta não é tão longe que se não volte de lá, nem empreza que possa quebrar as for-

ças ao rei de Portugal. Muito velho me fazeis, senhora, com essas lagrimas e temores!

— Não m'as leveis a mal! — redarguiu a princeza enxugando os olhos, e recobrando a pouco e pouco o seu aspecto resignado e tranquillo. Sou mulher, e esqueci-me de que devo ser rainha para servir de exemplo de fortaleza, e não de fraqueza. De hoje em diante não ouvireis uma queixa, ou um suspiro. Conforme com a vontade de Deus farei da oração e da penitencia o meu escudo... Dizei-me: está para cedo a partida? accrescentou com um sorriso confrangido. A vossa bella armada acabou de se aprestar? E nossos filhos já sabem o companheiro e o capitão que levam?...

— A ninguem o disse ainda senão a vós!... redarguiu D. João, pedindo perdão a Deus por esta mentira involuntaria, porque receiava ferir o melindre de sua esposa se lhe dissesse toda a verdade.

— Só uma supplica, senhor, atalhou D. Filippa, uma supplica de mãe!

— Mandae!...

— Peço-vos por mercê, no caso de Deus permittir que eu chegue aó dia do embarque, que armeis vossos filhos cavalleiros diante de mim, cingindo-lhes as espadas que hei de dar a cada um... Ainda que digam que as armas das mulheres enfraquecem o coração aos cavalleiros, bem creio, segundo a geração de que descendo, que uma espada da minha mão, não cairá do punho aos infantes!

— A vossa vontade é um preceito para mim, redarguiu o mestre cortezmente. Tambem eu vos hei de pedir uma graça!

— Dizei!...

— Este logar de Sacavem não está para vós, nem para eu nos demorarmos n'elle. Já adoeceram da peste, que arde em Lisboa, alguns dos moradores, e fôra quasi tentar a Deus, o determo-nos n'elle sem necessidade a affrontar o perigo... Quereis que vos acompanhe a Odivellas para onde estou de partida?

— Quando?

— Já. Dei as ordens. Apparelhada está a mula do vosso corpo e as de vossas donas, o mais irá depois. Tenho medo d'estes ares...

— Mulher velha, como eu, pouco se receia d'elles... Ide sempre, que eu vos seguirei de tarde.

— E porque não agora, como vos rogo? insistiu el-rei, ao qual parecia avisar um secreto presentimento.

— Tenho primeiro uma visita a fazer, e uma devoção a cumprir. Perdei o cuidado. Pouco me demoro.

— Pois, senhora, já que assim o quereis, ficae ainda, mas por mim e vossos filhos parti o mais cedo que poderdes.

E beijando-lhe a mão com o amor e respeito, que até ao derradeiro dia lhe consagrou, o principe despediu-se, montou a cavallo, e com um sequito de poucos pagens e fidalgos, encaminhou-se ao mosteiro de Odivellas a esperar por ella.

A rainha pouco depois saía das casas, aonde era o seu paço, e entrava na egreja. Ahi absorvida nas orações fervorosas, em que a sua alma se arrebatava, esqueceu inteiramente as horas e as enfermidades. De repente, Brites de Moura, ajoelhada a seu lado, viu-a desmaiar e teve apenas tempo de a suster para que não caísse sem sentidos.

Era meio dia. Os presentimentos de D. João I acabavam de se realisar.

D. Filippa de Lencastre, ferida da peste, não devia tornar a erguer-se do seu leito. Antes do sol de Ceuta e dos hymnos de triumpho, as mágoas de uma separação, que foi como arrancar-lhes metade da alma, aguardavam o rei cavalleiro e os infantes.

O preço doloroso dos prodigios passados, e das prosperidades futuras, foram este lucto e as lagrimas inconsolaveis derramadas sobre elle. A coroa da saudade pousada sobre o tumulo da mãe e da esposa precedeu a coroa de loiros, que rematou o monumento d'este glorioso reinado, aberto em um campo de batalha com a independencia de Portugal. Antes de pertencer á posteridade, quiz Deus ainda conceder-lhe o engastar no diadema de nossos reis a joia inestimavel da primeira conquista africana, presagio e promessa dos esplendores que alegraram em menos de um seculo a epocha afortunada do successor de D. João II.

L. A. Rebello da Silva.

---

## AURORAS BOREAES E AUSTRAES

As auroras boreaes forneceram por largos annos aos poetas do norte assumpto para mil variadas ficções. Entre outras, ora figuravam ver n'ellas os manes dos guerreiros, mortos no campo da batalha, combatendo pela patria, e agora patenteando aos vivos a sua apotheose; ora descreviam esse phenomeno como uma ovação celeste ás almas das virgens, que prematura morte roubára aos encantos da vida, e ás quaes então era concedido, como premio da virtude, virem voltear em danças festivaes em torno das pessoas que amaram no mundo.

N'esses tempos antigos, como tambem nos modernos, quer seja em o norte, quer no sul, as auroras boreaes ou austraes tem dado origem, e alimentam ainda entre o povo as mais grosseiras superstições.

Quando esse phenomeno meteorico, variando de formas e de côres, se apresenta com todo o seu brilho e magestade, é para as pessoas illustradas um dos mais bellos e maravilhosos espectaculos da natureza, e para o povo um objecto de agoiro e de terror.

Em quanto o sabio vê com prazer, e observa com curioso exame, como uma nuvem de côr acastanhada, apparecida no horisonte no fim do crepusculo, ao começar da noite, pouco a pouco se engrandece, se reveste de côres brilhantes, e se illumina, enchendo todo o espaço até ao zenith do observador com resplandores mais ou menos vivos; o vulgo olha espantado para o meteóro, e sem o admirar, porque está tomado de pavor, pergunta cheio de interesse, não como se opéra aquelle bello phenomeno, mas sim o que quererá dizer o signal do ceo, isto é, que desgraça vaticina, porque de ser annuncio de grande desdita já tem a certeza. E não falta logo quem lhe recorde, que em taes annos signaes identicos foram os precursores da peste que devastou o reino, ou da fome que lhe dizimou os habitantes, ou da guerra que lhe assolou os campos, ou, em fim, da morte que lhe roubou o rei amado, ou o principe, alvo das esperanças populares, ou quaesquer grandes da terra.

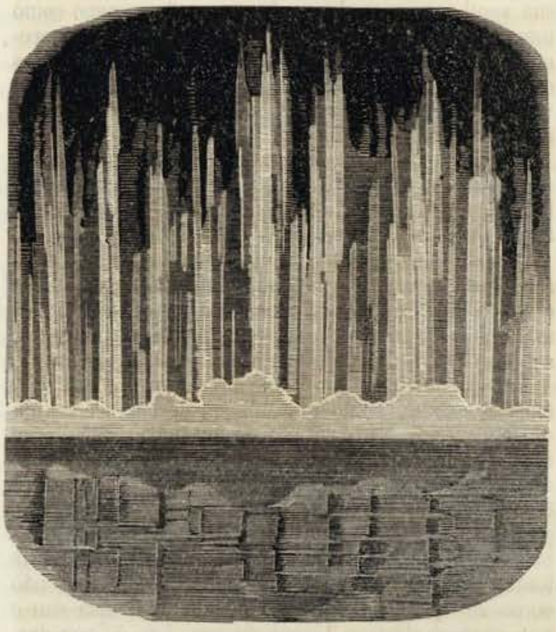
Estas superstições hão de vir a acabar, graças ao espirito do seculo, que tende essencialmente a derramar no povo a instrucção por todos os meios possiveis. Pena é que o phenomeno seja tão raro nas regiões temperadas, que só de muitos em muitos annos vem despertar a curiosidade geral, e trazer a opportunidade da explicação, pois que depende esta muito da occasião opportuna para ser mais divulgada, e poder ser melhor entendida.

As auroras boreaes e austraes são phenomenos muito variados nas suas fórmas e côres. Consistem ordinariamente em uma grande luz, umas vezes parecida na côr com os reflexos purpureos do sol poente, outras vezes com os pallidos resplandores da lua, a qual luz se eleva a uns vinte gráos acima do horisonte, estendendo-se por todas as partes do ceo até ao zenith do observador, como acima dissemos. Este phenomeno, desconhecido nas regiões equinocciaes, mui raro nas temperadas, é frequentissimo nas re-

giões polares. Quanto mais se aproximam do polo, tanto mais vivas são: quanto mais fria for a temperatura, tanto maior será a sua magnificencia.

É a aurora boreal um dom com que a Providencia compensou de algum modo as regiões polares dos beneficios que lhes negou, e repartiu com as outras. E não está o dom simplesmente na belleza do espectaculo que lhes dispensou, mas principalmente no brilhante luzeiro com que lhes diminuiu o horror d'aquellas noites sem fim.

Será difficil descrever as fórmas variadissimas que apresenta este meteóro. Ora se espalha como um clarão egual ao de um vasto incendio, ora se eleva aos ares em immensas faxas de brilhante luz, á maneira de pomposo fogo de artificio. Umas vezes é um semicirculo resplandecente, figurando uma abobada abrazada, que despede continuas centelhas para o ceo; outras vezes é uma reunião de muitos arcos luminosos, que formam no zenith uma coroa inflammada. E ainda além d'isto, varía muito de aspecto.



Aurora austral

Apparece este phenomeno depois do sol posto, no fim do crepusculo da tarde. É mais frequente na quadra que medeia entre o fim de setembro e o fim de junho, que é quando as terras polares jazem em trevas. Não é egual nos dois polos a magnificencia d'este espectaculo, por quanto as auroras austraes, isto é, as que se desenvolvem no polo antarctico, não tem o mesmo brilho, nem a mesma grandeza das do polo arctico.

Confundem-se os physicos em um labyrinto de hypotheses para explicarem a origem d'este meteóro. Attribuem-n'o uns ás exhalações da terra; outros á luz reflectida pelos gelos polares nas camadas superiores da atmosphera. Querem alguns que sejam effeito do sol, que, expulsando particulas de ar para os polos, as torna luminosas. Outros pretendem que é um fluido particular, proveniente das partes volcanisadas do globo terrestre. Outros, em fim, seguindo a opinião de Franklin, dizem que o fluido magnetico, que não differe em coisa alguma da electricidade, é a causa d'este phenomeno.

Com estes ultimos combina a opinião auctorisada de mr. Humboldt. A explicação que este sabio dá no seu *Cosmos* sobre tal meteóro, podem vêl-a os nossos leitores a pag. 150 do vol VI do *Archivo Pittoresco*.

A nossa gravura é cópia de outra publicada pelo *Magasin Pittoresque*. [1] Segundo diz este jornal, representa a formosa aurora austral que resplandeceu no horisonte das terras antarcticas, no anno de 1860, exactamente ao mesmo tempo que a mais esplendida aurora boreal de que ha noticia illuminava o polo arctico.

O nosso horisonte já por vezes, em tempos modernos, tem sido abrilhantado com as galas d'este magestôso meteoro, que, apesar de cederem muito em formosura e brilho ás boreaes, ainda assim nos offerecem um dos espectaculos mais bellos e grandiosos da natureza.

I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

### 59.°

### CARTA

Em o n. 42 do vol. V do seu mui curioso e mui instructivo semanario, trata-se nos *Estudos da lingua materna* da palavra *successo*, que alli se diz, contra a opinião de fr. Francisco de S. Luiz, e em opposição ao sentido que hoje geralmente se lhe liga, significar sempre *bom exito*, *feliz resultado*, etc. sendo por consequencia erro dizer *bom* ou *mau successo*, etc.

Para corroborar esta opinião adduz-se a auctoridade de Antonio Vieira.

Pois, senhores, é justamente d'este auctorisado classico portuguez, que eu tomo a liberdade de citar-lhes os dois seguintes trechos, onde a palavra *successo* é precedida do adjectivo *bom*.

«...e nos alegraremos summamente com todo o seu *bom successo*». *Carta* 101, vol. II ed. de 1854.

«...e todos lhe desejâmos *bom successo* no seu livramento». *Carta* 106, idem.

Espero que vv. terão a bondade de escrever algumas linhas a respeito d'esta minha humilde observação, porque muito desejo ver esclarecido este ponto.

De v. etc. — *José Victorino Pinto de Carvalho.*

Porto 22-1-64.

### RESPOSTA

Dois artigos havemos já escripto sobre a genuina e vernacula accepção da palavra *successo* (vid. pag. 336 e 384 do vol. VI), e em nenhum dissemos ser erro antepor-lhe os adjectivos *bom*, *mau* ou outro qualquer.

O nosso intento foi contestar que, no sentido absoluto, se devesse tachar de gallicismo o vocabulo *successo*, como quer, no seu *Ensaio*, o douto cardeal Saraiva. E adduzimos, para documentar a nossa contestação, alguns exemplos de Viera, no primeiro artigo; e um de Heitor Pinto no segundo, em que submettemos novas considerações ao atilado criterio do illustrado collaborador d'este semanario, o sr. dr. R. de Gusmão.

Ora como a palavra *successo*, indeterminadamente, significa em portuguez, como no francez, e por consequencia no latim, evento prospero, feliz resultado, conseguimento, etc., escusado é adjectival-a, pela razão de causar o equivoco já por nós apontado, porque *bom successo*, *mau successo* (dil-o-hemos agora pelo claro), refere-se commummente ao parto da mulher.

É certo que o P. Vieira assim o escreveu por vezes. Mas segue-se d'ahi que o devamos imitar, quando muitas mais vezes usou da palavra *successo* na mesma accepção, sem a adjectivar, como não a adjectivam os francezes á similhança dos latinos?

Parece-nos que não; e egualmente que o nosso obsequioso correspondente ha de achar-nos razão.

A. DA SILVA TULLIO.

[1] Vol. XXXI, pag. 248.